

Mariele Correa. 2009. *Cartografias do Envelhecimento na Contemporaneidade: Velhice e Terceira Idade*. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica. 125 pp. ISBN: 9788579830037.

Mariele Correa é psicóloga e este livro é baseado em oficinas de psicologia oferecidas no quadro da programação da Universidade Aberta à Terceira Idade da Unesp, campus de Assis, no Brasil. A autora pretende analisar a condição da velhice, através da relação entre a pesquisa científica sedimentada atualmente sobre o idoso, a representação cultural da velhice e a experiência nas oficinas. No entanto, considero que este objetivo não é inteiramente conseguido, devido à forma confusa da estrutura do livro e do estilo da escrita, além do facto de que a apresentação de ideias e conceitos é demasiado fragmentada, tornando a leitura morosa e obrigando o leitor a rever páginas anteriores para compreender o que a autora realmente quer dizer.

Em qualquer caso, o livro é uma obra de grande seriedade, do ponto de vista crítico e da responsabilidade crítica com o trabalho com idoso, sendo constituído por três segmentos. Primeiramente, a autora aborda a experiência das oficinas com idosos. De seguida, é feita uma análise do estado atual da teoria, na psicologia, ciências sociais e medicina, sobre a condição do idoso. Finalmente, é apresentada a argumentação que dá o título ao livro, sobre 'cartografias do envelhecimento na contemporaneidade', procurando mapear várias áreas e categorias que definem a posição e situação do idoso na sociedade que temos hoje.

As oficinas eram organizadas 'em três momentos assim delimitados: o do aquecimento, o da tarefa e o da reflexão. O aquecimento, continha atividades pre-

paratórias e preliminares [...] Eram utilizados recursos como brainstorming ou relaxamento, por exemplo, e tantos outros que se prestavam à entronização do trabalho principal ou do tema norteador do encontro' (p. 10). Além disso, é salientada a importância da reflexão intrínseca à própria oficina, acerca, nomeadamente, do conteúdo da tarefa, os acontecimentos em torno dela, os relacionamentos entre os participantes e com a equipa. As oficinas eram compostas por grupos heterogêneos, entre 15 a 25 pessoas, com idades entre 45 e 82 anos, predominantemente mulheres. O nível de escolaridade dos participantes também era diversificado, bem como o estado civil. No entanto, não se encontra no texto qualquer menção relativamente ao consentimento informado dos idosos para participação neste tipo de atividade, nem algum tipo de considerações éticas.

Embora a autora não apresente a estrutura das oficinas de uma forma detalhada, o leitor poderá se aperceber que as temáticas principais eram o corpo na velhice; sensopercepção; linguagem; velhice e lei; espaços urbanos e velhice; memórias; a relação entre terceira idade e o senso da finitude humana. Na minha leitura, esta é a parte principal do livro, pelo seu caráter inovador e de ensino para ser aplicado por profissionais da saúde e educação para estimulação cognitiva, social e emocional, favorecendo a funcionalidade da pessoa idosa. Neste contexto, a autora apresenta uma crítica acérrima dos processos sociais de estigmatização e discriminação dos idosos, patentes na veneração cultural pelo corpo jovem, a medicalização do corpo e o ainda vigente paradigma biomédico, concepções que 'insistem em acentuar a perda da acuidade dos sentidos e não suas potencialidades de experimentação, encerrando esse cor-

po em uma materialidade instituída e engessada' (p. 17).

Curiosamente, numa das experiências relatadas no livro, alguns idosos perpetuam eles próprios essa violência e discriminação, sem consciência de que são vítimas desses paradigmas dominantes e discursos instituídos, contribuindo para a legitimação da violência. Por outro lado, numa das atividades das oficinas, os idosos foram convidados a debater o papel da lei na produção social da velhice, recorrendo ao Estatuto do Idoso promulgado no Brasil para analisar e refletir os direitos e deveres da pessoa idosa. Segundo a autora, muitos participantes desconheciam o seu conteúdo e, por isso, foi organizada uma apresentação sobre as principais leis e promovida uma discussão sobre as implicações. Infelizmente, se tal oficina temática fosse proposta em Portugal, não haveria muito para informar uma vez que não existe Estatuto de Idoso no nosso país, mas sim um vazio legal no que concerne aos direitos da pessoa idosa que esvazia a cidadania do idoso, em particular se comparado com o relevo legal, no contexto português, acerca do abuso contra crianças e idosos.

A finitude humana, como referi, foi também uma das temáticas abordadas nas oficinas com idosos que serviram de base a este estudo, incluindo o facto de que o próprio grupo tinha experienciado a perda de alguns elementos por morte e o afastamento por doença. Coerente com estas preocupações, a autora censura a forma como a morte, ou experiência de morrer é desumanizada pelos avanços tecnológicos e desprovida, frequentemente, do senso de dignidade e respeito pela pessoa e pela sua complexidade. É claro que não se pode deixar de reconhecer as vantagens do avanço tecnocientífico da medicina, que descobriu a cura de doen-

ças antes incuráveis e reduziu drasticamente o índice de mortalidade nos hospitais. Mas graças também a este avanço, a morte pode ser artificializada e despersonalizada, tendo como objetivo combater a doença a qualquer custo, mesmo que isso represente a privação total da autonomia dos doentes.

Na segunda parte, o livro torna-se mais confuso, com uma miscelânea de sociologia, antropologia e demografia. A certa altura, perdemo-nos em conceitos de velhice, estereótipos associados ao envelhecimento e o leitor que não conhece bem a temática não consegue apreender o alcance analítico das relações entre envelhecimento humano e envelhecimento social e cultural. Na terceira parte do livro e a mais extensa, são desenvolvidos os temas que a autora intitula de 'relevos cartográficos': tempo, espaço, memória, mercado capitalista e linguagem, ou seja, as condições de expressão das formas da velhice e da terceira idade na atualidade. Partindo do princípio de que o leitor não conhece os percursos metodológicos desta cartografia ou mapeamento da velhice, Mariele Correa diz que 'nossa cartografia visa mapear a produção dos processos de envelhecimento, na dimensão social e histórica, especificamente os perfis engendrados na velhice e na terceira idade, mediante conceções criadas sobre elas e as gestões que as tomam como objeto de políticas públicas, no cenário brasileiro contemporâneo' (p.36).

O ponto fulcral desta parte do livro é a contextualização do envelhecimento nas agendas políticas do Brasil, onde o envelhecimento, que foi durante muito tempo considerado da esfera familiar transformou-se numa questão pública, tal como acontece, ou devia acontecer noutros países, como é no caso de Portugal. Na minha leitura, esta parte é muito pertinen-

te, comparativamente, tendo em vista o contexto português, para compreender as estratégias que o Brasil desenvolveu, os programas implementados, seus pontos fortes e fragilidades. Infelizmente, só agora, em Portugal, começam a surgir, de forma dispersa, algumas iniciativas de projetos para promoção do envelhecimento ativo, mas sem ser de caráter nacional. O Programa REATIVA desenvolvido pela Prof.^a Helena Loureiro é um desses programas que surgiu em Coimbra em 2012 e que tem como por objetivo a construção de um programa de intervenção em saúde, a ser implementado em contexto de cuidados de saúde primários, a utentes que vivenciam um processo de adaptação à reforma, com vista a promover um envelhecimento ativo.

Neste sentido, Mariele Correa enfatiza que a geriatria e a gerontologia, com as suas propostas de educação e prevenção para a velhice e construção de políticas sociais para a promoção de uma velhice saudável e útil, contribuem para uma 'velhice sem envelhecimento' e a 'refuncionalização do idoso'. O contraponto crítico aqui é o modo como a medicina tem abordado o envelhecimento, na sua busca pela racionalidade científica, sem uma visão mais abrangente das razões da degenerescência no processo de envelhecimento. Mas, enquanto psicóloga, a crítica da autora é também dirigida à tendência da psicologia em priorizar a infância e a adolescência em detrimento relativo da conceptualização e intervenção na área do envelhecimento.

O livro termina com a abordagem da relação entre tempo e envelhecimento, entre o espaço e a memória e a qualidade de vida. Na minha perspetiva, a autora aproveitou esta parte, talvez de forma tardia, para elaborar uma reflexão mais aprofundada sobre as temáticas citadas ante-

riormente. Em particular, o conceito de tempo, subjacente no conjunto do livro, contrapõe a era da informação às narrativas e memórias dos idosos, de modo que a forma como atualmente se vivencia o tempo é também um dos fatores que propiciam a discriminação 'dos idosos que se sentem desqualificados e atrasados com relação ao próprio tempo presente' (p.94). Esta desqualificação da pessoa idosa é também representada pela restrição de circulação na requalificação dos espaços urbanos que comprometem o acesso a diversos serviços: escadas, meios de transporte, sinaléticas e trânsito.

Desta forma, a autora considera, concluindo a sua abordagem, que a ideia-chave deste livro é que o envelhecimento deve ser repensado como objeto político, mas isto implica, necessariamente, confrontar os paradigmas dominantes, no campo social e científico também. A leitura do livro não exige conhecimentos prévios profundos, mas, devido ao estilo confuso da narrativa, uma linguagem frequentemente pouco clara e a dispersão na fundamentação das ideias, é necessário, por parte do leitor, algum esforço para compreender a direção da abordagem. Não obstante, os exemplos, sedimentados na experiência da autora e nas oficinas temáticas com os idosos, fornecem ferramentas e estratégias que poderão ser utilizadas em futuros programas e projetos de estimulação cognitiva e social com pessoas idosas. Além disso, a autora fornece reflexões substantivas sobre a violência implícita e explícita, na cultura atual, em relação à condição da velhice, com ênfase, tratando-se do trabalho de uma psicóloga, nos mecanismos psicológicos, no que respeita à desqualificação de cuidar de si próprio e do sentimento de inutilidade.

Desta forma, a ideia de 'cartografias

do envelhecimento' é uma exploração simultaneamente científica e humanizada, acerca do conhecimento do envelhecimento e a compreensão da condição dos idosos na sociedade de hoje, chamando a atenção para o desenvolvimento de uma atitude crítica para o resgate do sentido de partilha da vida e do lugar da pessoa idosa no mundo.

Patrícia Pinto

Filomena Bordalo; Manuela Cruz. 2010. *Gestão de IPSSs*. Braga: Célula 2000. 356 pp. ISBN: 978-989-96702-0-4.

A viagem que este livro nos propõe pelos caminhos do setor solidário em Portugal faz-se com o recurso a quatro paragens, correspondendo aos quatro capítulos. Filomena Bordalo e Manuela Cruz, as autoras e guias desta viagem, partilham com o leitor o conhecimento substantivo adquirido ao longo das suas carreiras profissionais. A primeira paragem percorre os trilhos do Estado Providência e da sua crise e, logo, as autoras identificam as principais transformações políticas e a 'nova' questão social. Desta forma, são especificados os traços característicos do setor solidário em Portugal, explicando o conceito, os princípios e objetivos das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSSs) e enunciando outros aspetos, com destaque para a legislação aplicável. Neste sentido, é apresentado 'o processo de constituição e de aquisição de personalidade jurídica de uma IPSS', podendo ser de 'natureza associativa ou de natureza fundacional' (p.13), de modo que o objectivo das IPSSs está 'condicio-

nado à viabilidade e interesse social dos fins estatutários' (p.15). Este capítulo termina com uma apresentação do sistema de Segurança Social e do enquadramento das IPSSs no seu seio.

A segunda paragem desta viagem, o segundo capítulo, é também uma das mais longas, composto por diversas partes, tendo cada uma delas vários tópicos e subtópicos, e constituindo um excelente contributo, em virtude da escassez de informações e conteúdos desta natureza. Filomena Bordalo e Manuela Cruz conduzem-nos pelos recantos e especificidades da cooperação das IPSS com a administração central do Estado, nas áreas da Saúde, Educação e Segurança Social, abordando a evolução do modelo de cooperação, os seus objectivos e as formas com que se pode revestir, traçando as rotas da sua operacionalização, as questões inerentes à sustentabilidade financeira e, ainda, as competências e obrigações de ambas as partes.

A seguir, é abordado o tema da promoção da segurança e qualidade dos espaços edificados, apresentando o *Programa de Cooperação para o Desenvolvimento de Qualidade e Segurança das Respostas Sociais*. Este programa tem várias vertentes, em particular, o licenciamento e fiscalização relativos à Rede de Equipamentos e Serviços e à variabilidade de 'equipamentos e serviços que abrangem a diversidade das circunstâncias de vida dos indivíduos, famílias e comunidades' (p. 42), subdivididos nas áreas de Infância e Juventude; População Adulta; Família e Comunidade e abrangendo cada uma delas um leque variado de Respostas Sociais (p. 42 a 45).

Este capítulo enfatiza o primado da 'espiral da qualidade', partindo da convicção de que a 'inovação e a qualidade, mais do que uma opção, é um imperativo para a sobrevivência e uma exigência, face